

## Racismo Internalizado: Uma Perspectiva Analítico-Comportamental

### Internalized Racism: A Behavioral-Analytic Perspective

### Racismo Internalizado: Una Perspectiva Analítico-Conductual

Edvaldo Marques de Araújo<sup>1</sup>, Ketlen Ariany da Silva Xavier<sup>1</sup>, Lucas Batista de Souza<sup>1</sup>, Christian Vichi<sup>1</sup>

[1] Universidade Federal do Vale do São Francisco/PE | **Título abreviado:** Racismo Internalizado | **Endereço para correspondência:** Edvaldo Marques de Araújo – Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco. Av. José de Sá Maniçoba, s/n – Centro. Petrolina/PE. CEP 56304-205 | **Email:** edvaldomdearaujo@gmail.com | **doi:** org/10.18761/DH000166.set21

**Resumo:** O racismo é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grupos raciais que possuem traços físicos determinantes de características intelectuais, morais e éticas. No Brasil, o racismo serviu para justificar a estratificação social e relações de poder que culminam, até hoje, numa constante exposição a situações de opressão racial para indivíduos negros. Essa exposição pode levar indivíduos de grupos minorizados a desenvolverem preconceitos e estereótipos contra si mesmos e contra os grupos a que pertencem, o que tem sido chamado de “internalização do racismo”. Neste trabalho, a fim de identificar os possíveis processos comportamentais presentes na internalização do racismo por parte de pessoas negras, interpretou-se os principais elementos presentes nas conceituações de diferentes abordagens sobre o tema com base em análises comportamentais sobre crenças, atitudes e preconceito racial. Ao final, o racismo internalizado é aqui interpretado como o aprendizado, por parte de pessoas negras expostas à opressão racial, de relações arbitrárias que associam traços negróides a estímulos aversivos resultando em sofrimento psíquico para este grupo.

**Palavras-chave:** racismo internalizado; preconceito racial; comportamento verbal; comportamento simbólico; eventos privados.

**Abstract:** Racism is an essentialist ideology that postulates humanity being divided into racial groups that have physical characteristics that determine intellectual, moral and ethical traits. In Brazil, racism served to justify social stratification and power relations that culminate, until today, in a constant exposure to situations of racial oppression for Black individuals. This exposure to situations of racial oppression can lead individuals from minority groups to develop prejudices and stereotypes against themselves and against groups to which they belong, this process has been called “internalized racism”. In this Paper, the authors identify possible behavioral processes which can be involved in this phenomenon, and different accounts on the subject were interpreted based on behavioral analyses of beliefs, attitudes, and racial prejudice. Finally, internalized racism is interpreted here as the learning, by Black people exposed to racial oppression, of arbitrary relations that associate their racial features with aversive stimulus resulting in psychological distress for this group.

**Keywords:** internalized racism; racial prejudice; verbal behavior; symbolic behavior; private events

**Resumen:** El racismo es una ideología esencialista que postula a la humanidad dividida en grupos raciales que tienen rasgos físicos que determinan características intelectuales, morales y éticas. En Brasil, el racismo sirvió para justificar la estratificación social y las relaciones de poder que culminan hasta el día de hoy en una exposición constante a situaciones de opresión racial para los negros. Esta exposición puede llevar a individuos de grupos minoritarios a desarrollar prejuicios y estereotipos contra sí mismos y contra los grupos a los que pertenecen, lo que se ha denominado “internalización del racismo”. En este trabajo, con el fin de identificar posibles procesos conductuales involucrados en este fenómeno, se interpretaron los principales elementos presentes en las conceptualizaciones de diferentes enfoques sobre el tema a partir del Análisis de la Conducta de creencias, actitudes y prejuicios raciales. Finalmente, el racismo internalizado se interpreta aquí como el aprendizaje, por parte de personas negras expuestas a la opresión racial, de relaciones arbitrarias que asocian rasgos negroides con estímulos aversivos, lo que resulta en sufrimiento psíquico para este grupo.

**Palabras clave:** Racismo internalizado; prejuicios raciales; conducta verbal; conducta simbólica; eventos privados.

O racismo pode ser compreendido como uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em diferentes raças a partir de características físicas hereditárias e comuns com base no argumento de que essas características físicas prescrevem características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas. Desse ponto de vista, o racismo é a crença na existência de uma ordem natural hierárquica envolvendo relações intrínsecas entre traços físicos e psicológicos em humanos (Munanga, 2004). Como ideologia, o racismo serviu para justificar a exploração e o uso de violências distintas (físicas, morais, psicológicas, patrimoniais, etc.) contra diversos povos (Munanga, 1999).

No Brasil, o racismo serviu para justificar a estratificação social e embasar relações de poder, reverberando nas relações cotidianas (interpessoais) e nas relações institucionais (legislações, acesso desigual a prestação de serviço). Para Almeida (2019), as manifestações interpessoais e institucionais do racismo precisam ser compreendidas como decorrentes da organização social e não como um desarranjo eventual de instituições ou indivíduos. Segundo o autor, o racismo é estrutural porque organiza as relações interpessoais e institucionais desde a formação da sociedade brasileira e seus efeitos podem ser percebidos até hoje em diferentes áreas da vida social, como na educação, na segurança pública, na moradia e renda, entre outras (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019).

Além da desigualdade no acesso a direitos básicos e a constante exposição a situações de violência, o racismo pode afetar psicologicamente os indivíduos dos grupos socialmente excluídos ao expô-los a preconceitos, estereótipos e valores racistas. Essa exposição pode levar ao aprendizado de concepções negativas sobre si mesmo ou sobre o grupo racial que o indivíduo faz parte. Esse aprendizado tem sido chamado de internalização do racismo e é prejudicial para indivíduos de grupos raciais minorizados, estando associado a desfechos negativos em saúde física e mental (David et al., 2019; Gale et al., 2020).

O racismo internalizado é um fenômeno comumente estudado pela Psicologia Cognitiva e/ou Social (David et al., 2019), o que não impede uma interpretação comportamental sobre o assunto e poderia beneficiar ambas as áreas (Mizael & de Rose, 2017). Sob uma perspectiva comporta-

mental, muitos dos fenômenos psicológicos descritos como crenças, atitudes e preconceitos podem ser compreendidos e analisados a partir de conceitos como comportamento verbal (Guerin, 1992), equivalências de estímulos e transformação de função (Mizael & de Rose, 2016; Mizael et al., 2017), dentre outros possíveis. Além da interface com a Psicologia Social Cognitiva, outros analistas do comportamento também têm se esforçado em compreender os processos comportamentais presentes na discriminação racial, no racismo institucional e no racismo sistêmico (e.g. Carvalho et al., 2021; Guerin, 2005; Matsuda et al., 2020; Mizael & Sampaio, 2019; Saini & Vance, 2020).

Segundo Tourinho e Sérgio (2010), as produções teórico-conceituais fazem parte da metodologia científica e são valiosas para o avanço da Análise do Comportamento. Diferente de interpretações realizadas em outras áreas da Psicologia, a interpretação analítico-comportamental deve ser baseada na descrição de um fenômeno através dos princípios e processos comportamentais desenvolvidos pela pesquisa básica na Análise Experimental do Comportamento (Tourinho & Sérgio, 2010). Para que isso seja feito, Abib (1994) indica que as análises interpretativas tenham como objeto de estudo o comportamento verbal de determinados indivíduos (seus textos originais, por exemplo), delimitando o próprio método de investigação como a interpretação desse comportamento verbal e se direcionando para a produção de mais comportamento verbal de modo a interpretar o que está sendo estudado. Além disso, para ele essas ações devem estar sempre calcadas no contextualismo, de modo que seja possível entender como “alguém pode dizer o que não pretende ou não dizer o que pretende” (Abib, 1994, p.486).

O objetivo do presente artigo é descrever os possíveis processos comportamentais presentes na internalização do racismo por parte de pessoas negras, amplamente discutido por campos como Psicanálise, Psicologia Social Cognitiva e Terapia Cognitiva-Comportamental (e.g. David, 2009; David et al., 2019; Fanon, 2008; Gale et al., 2020; Tappan, 2006). Desse modo, o objeto de análise deste trabalho é o comportamento verbal de pesquisadores que se debruçaram sobre o racismo internalizado e os descreveram de maneira textual,

através da produção de livros e artigos. Assim, a finalidade deste estudo é apresentar uma compreensão analítico-comportamental do racismo internalizado a fim de contribuir com a uma descrição mais precisa dos processos comportamentais envolvidos nele, fomentando a participação da Análise do Comportamento na discussão dos fenômenos relacionados a relações raciais.

## Racismo Internalizado

Frantz Fanon foi um dos primeiros autores a se debruçar sobre a assimilação do racismo por indivíduos dos grupos oprimidos e chamou essa assimilação de internalização ou epidermização da inferioridade (Fanon, 1952/2020). Para ele, essa inferiorização é produto da exposição cotidiana a situações de opressão racial e leva o indivíduo a duvidar de si mesmo, à confusão sobre sua própria identidade e a sentimentos de inferioridade. Devido seu pioneirismo, Fanon tem sido um autor importante nos estudos sobre internalização do racismo e é influente nas conceituações deste fenômeno mesmo em diferentes perspectivas teóricas dentro da Psicologia (David et al., 2019).

Através do modelo teórico da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o racismo internalizado tem sido compreendido como um conjunto de pensamentos, atitudes e comportamentos autodestrutivos que foram desenvolvidos como resultado das experiências de racismo e opressão a que um indivíduo foi exposto em sua história de vida. Para esse modelo teórico, o racismo internalizado gera concepções distorcidas e inferiorizadas de si mesmo e do grupo social que o indivíduo faz parte, resultando em sofrimento psíquico (David, 2009).

De forma semelhante, para a Psicologia Social de orientação cognitiva, o racismo internalizado é um processo de aprendizagem que pode se enraizar ao ponto de fazer os indivíduos desenvolverem um sistema automático de distorções cognitivas sobre si mesmo ou sobre seu próprio grupo racial. Essa automatização permite que a opressão racial internalizada se manifeste de forma consciente ou não através de comportamentos, emoções, crenças, atitudes, etc. (David et al., 2019).

Uma outra perspectiva, além das anteriormente citadas, aponta uma problemática envolvendo a ideia de “internalização” de uma opressão social. Para Tappan (2006), a concepção de “internalização” pode culpabilizar indivíduos dos grupos minoritários que passam pelas situações de opressão e violência. Para ele, a noção de opressão racial internalizada pode enfatizar os processos psicológicos e internos envolvidos na assimilação do racismo e desvinculá-los da realidade social e do racismo estrutural. Para o autor, a compreensão desse fenômeno perpassa o entendimento das questões psicológicas e socioculturais, como os mecanismos de opressão e dominação. Desse modo, tendo em vista a necessidade do reconhecimento da opressão racial como responsável pelo sofrimento psíquico dos indivíduos de grupos racialmente minoritários, Tappan (2006) propõe que se utilize o termo opressão racial apropriada (*appropriated racial oppression*) para se referir ao que se tem chamado de racismo internalizado.

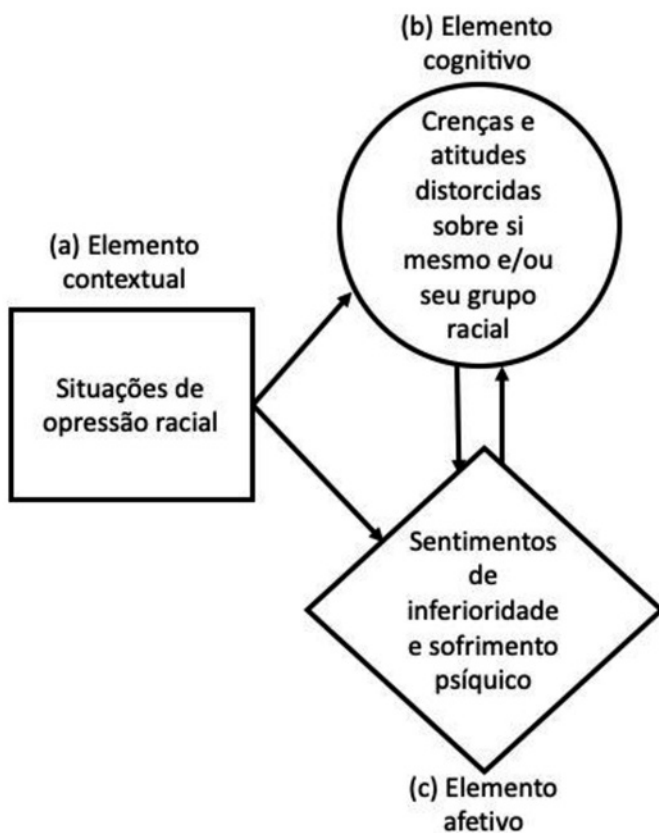
Mais recentemente, David et al. (2019) criticaram a noção de “apropriação” presente na proposta de Tappan (2006). Para eles, o termo “apropriação” pode dar a entender que grupos racialmente oprimidos teriam algum poder sobre os grupos opressores e/ou uma relação de perdas e ganhos entre esses grupos. Desse modo, os autores sugerem que o termo “opressão racial apropriada” é indevido e que, apesar das limitações, os termos racismo internalizado e opressão racial internalizada são os mais assertivos até agora.

Como é possível perceber por meio do que foi exposto, o racismo internalizado é um fenômeno que tem sido abordado por diferentes perspectivas teóricas. As diferentes conceituações foram trazidas com o objetivo de considerar que o debate entre diversas teorias pode ser útil para enfatizar partes diferentes do mesmo fenômeno e diversificar o debate sobre o tema. Dessa mesma maneira, consideramos que uma interpretação do racismo internalizado por uma perspectiva comportamental poderá servir para enfatizar os processos comportamentais e contextuais envolvidos na aprendizagem do mesmo.

## Uma ótica analítico-comportamental

Apesar das variações presentes nas conceituações entre diferentes perspectivas epistemológicas, é possível perceber que o conceito de racismo internalizado envolve três elementos em todas elas (ver Figura 1): a) um elemento contextual, na exposição a situações de opressão racial; b) um elemento cognitivo, nas crenças e atitudes distorcidas sobre si mesmo e/ou seu grupo racial, resultante de (a); e c) um elemento afetivo, nos sentimentos de inferioridade e sofrimento psíquico, também resultante de (a). Neste trabalho, interpretaremos as crenças, atitudes e sentimentos a partir de uma perspectiva analítico-comportamental com base na produção de analistas do comportamento sobre esses temas.

Conforme Guerin (1994), crenças e atitudes podem ser compreendidas como comportamento verbal e, desse modo, podem ter diferentes funções.



**Figura 1.** Três elementos descritos como componentes importantes do racismo internalizado na literatura especializada.

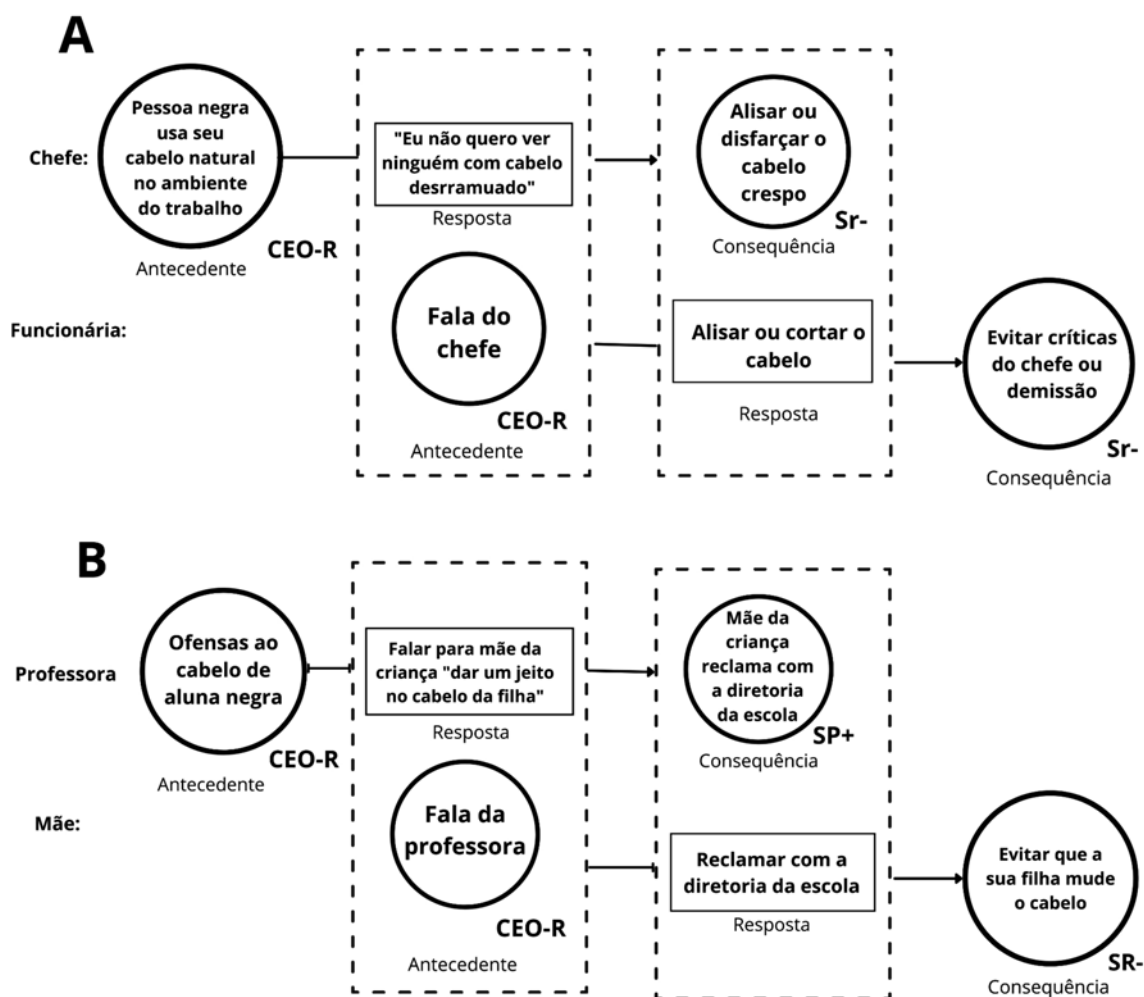
Mizael e de Rose (2017) apontam algumas das funções que o preconceito racial pode adquirir sob operantes verbais. Na forma de tato, o preconceito racial pode ser emitido como a descrição do ambiente que associa pessoas negras a aspectos pejorativos ou características indesejáveis, como diante de uma situação ruim ou diante do erro de uma pessoa dizer que “isso é coisa de preto”. Mandos são operantes verbais que, quando emitidos, sob controle de uma operação motivacional, especificam o reforçador (cf. Barros, 2003), por vezes, podem ser emitidos com a função de fazer com que as pessoas se comportem de outra forma, a fim de evitar aversivos, como dizer “eu não gosto de tranças no cabelo” de modo a fazer com que as pessoas retirem ou evitem usar tranças. Um intraverbal, por sua vez, é um operante verbal sob controle de outro operante verbal, cuja relação entre ambos é culturalmente estabelecida pela comunidade verbal (cf. Barros 2003), como ocorre ao se decorar uma poesia ou provérbios. Sendo assim, o preconceito racial pode ser visto quando o indivíduo, ao observar a ação de uma pessoa negra, diz “preto quando não faz porcária na entrada, faz na saída”. Mesmo que, talvez, nunca testemunhado uma pessoa negra fazer porcária, tal arranjo de palavras é imposto pela cultura de um racismo estrutural (por vezes, tais exemplos são descritos na literatura de psicologia como “representações sociais”, ver Guerin, 1992).

Por mais improvável que esses exemplos possam parecer, situações como essas são frequentemente relatadas pela mídia em nosso cotidiano (e.g. Bagatini, 2018; Revista Consultor Jurídico, 2018; UOL, 2016). Utilizando as notícias aqui citadas, a Figura 2 A apresenta as contingências comportamentais presentes na fala de um chefe que diz para suas funcionárias que não gostaria de vê-las com o cabelo desarrumado (atribuição frequentemente utilizada para agredir/julgar cabelos crespos) e tendo como consequência o comportamento de suas funcionárias alisarem o cabelo, ou diminuir o volume de seus cabelos crespos ou cacheados para evitar as reclamações do seu chefe e outras retaliações no ambiente de trabalho (assédio moral, demissão, etc.). De modo similar, a Figura 2 B apresenta a descrição das contingências presentes num caso de racismo dentro de uma escola, noticiado por Bagatini (2018). Nesse caso, diante de ofensas

a uma criança negra por outras crianças devido ao seu cabelo crespo, uma professora solicitou à mãe da criança que desse um “jeito” no cabelo da filha para que as ofensas (bem como a presença do cabelo crespo) cessassem. Ao contrário do solicitado, a mãe da criança levou a questão à diretoria da escola, argumentando que a professora deveria tentar ensinar as outras crianças a se comportarem de uma maneira distinta ao invés de tentar mudar o cabelo de sua filha.

Os episódios noticiados acima tratam-se eminentemente de relações sociais verbais e, sendo assim, podem ser interpretados dentro das diversas classes de comportamento verbais discutidas e os

elementos componentes de suas contingências assumindo diferentes funções comportamentais ou de estímulos (Barros, 2003), mais à frente, no texto, voltaremos a eles. Para Guerin (1994), ao invés de estudar atitudes e crenças como eventos privados, como sugere a Psicologia Social Cognitiva, deve-se estudá-las como comportamento social, compreendendo as situações em que esses comportamentos verbais são moldados e mantidos por suas consequências. Dessa mesma forma, compreende-se que o racismo internalizado não deve ser estudado como um evento privado e sim como uma forma de comportamento social, portanto, construído e mediado pelo ambiente social.



**Figura 2.** Descrição de contingências em que se observa a classe de respostas “preconceito racial” sendo emitida como mando. Os círculos representam as mudanças no ambiente e os retângulos são as respostas dos agentes.

Processos de aprendizagem diversos, inclusive os sociais, envolvem contextos que podem assumir diferentes funções em uma análise de contingência, elementos antecedentes podem apresentar funções de estímulos condicionados e incondicionados controlando reflexos (cf. Darwich & Tourinho, 2005) ou estímulos discriminativos, controlando operantes discriminados simples ou compondo contingências mais complexas em operantes de ordem superior (cf. Mizael & de Rose, 2017; Perez et al., 2013), sob controle de consequências diversas, como reforçadores negativos ou positivos ou punidores. Além disso, condições motivacionais podem estabelecer condições que alterem a função de outros tantos estímulos, que mudem seu valor reforçador ou fortaleçam comportamentos que estabeleçam sua remoção, sendo importante uma análise das operações motivacionais envolvidas (cf. Langthorne & McGill, 2009).

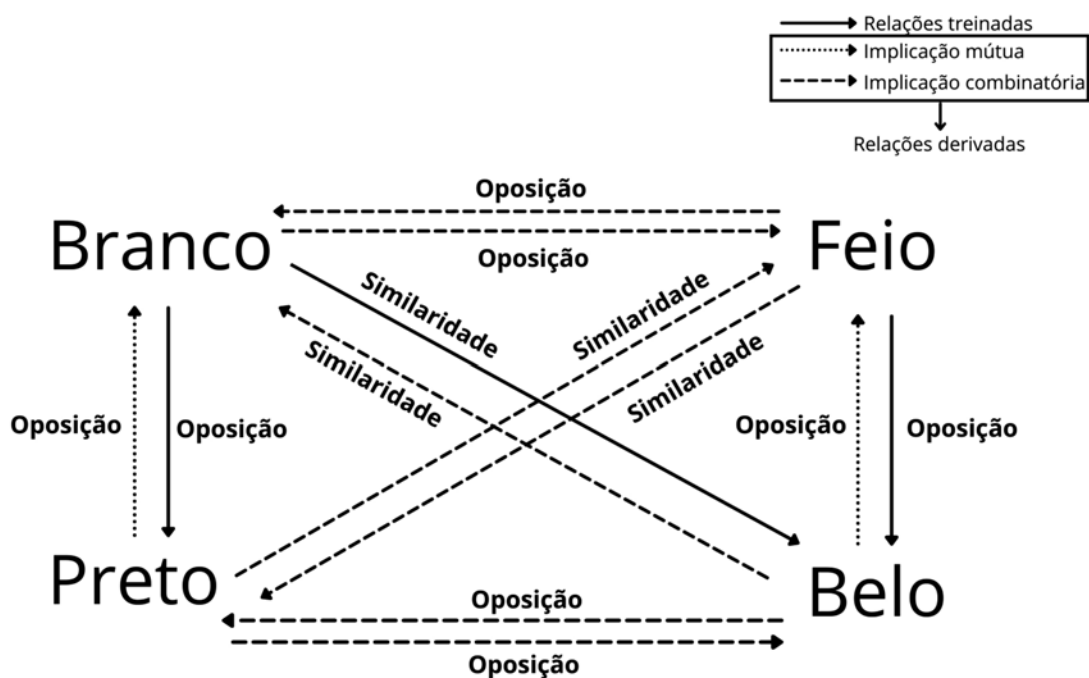
Serão, a seguir, discutidos alguns conceitos envolvidos no aprendizado de preconceito racial. Mizael e de Rose (2017) apontam o Paradigma de Equivalência de Estímulos e a Teoria das Molduras Relacionais (RFT), como teorias que poderiam investigar e interpretar o aprendizado de associações arbitrárias entre estímulos aversivos e a negritude. Através do Paradigma da Equivalência de Estímulos (Sidman, 1994), podemos compreender como acontece a derivação de relações não treinadas a partir do treino de duas ou mais relações, quando a relação derivada é de equivalência. Por exemplo, uma vez treinada a relação pobre-perigoso e negro-pobre, a relação negro-perigoso poderá emergir sem treino direto. Isso é importante para compreendermos a emergência de relações não treinadas que podem estar associadas ao racismo internalizado.

De acordo com Perez et al. (2013), a RFT tem estudado o *Responder Relacional Arbitrariamente Aplicável* (RRAA), entendendo-o como um operante de classe superior generalizado. O aprendizado desse operante depende de relacionar estímulos de forma bidirecional. Por exemplo, ao se treinar uma relação de comparação “A é maior que B” deriva-se a relação mutuamente implicada de que “B é menor que A”. Da mesma forma, essas relações podem ser derivadas para novas relações envolvendo a mesma implicação. Por exemplo, se “B é maior que C” e “A é maior que B” então “A é maior que C” (Perez et al., 2013).

Nesse caso, o RRAA é contextualmente controlado pelo que a RFT chama de dicas contextuais. Essas dicas estão presentes no ambiente e sinalizam quais tipos de relação um estímulo estabelece com o outro, por exemplo, “maior que” e “menor que” estabelecem uma relação de comparação entre estímulos. Dessa forma, o RRAA está relacionado também a outras formas de relacionar estímulos além da coordenação (equivalência), como oposição (A é oposto a B), diferença (A é diferente de B), comparação (A é maior que B), hierarquia (A faz parte de B), entre outras relações. Por fim, essas redes relacionais implicam na transformação da função dos estímulos a partir das relações entre eles estabelecidas a partir das dicas contextuais. Por exemplo, se “A é maior que B” e B é um estímulo aversivo, então, por derivação, “A é mais aversivo que B”. Portanto, A, mesmo sem treino direto, adquire uma função aversiva (Perez et al., 2013).

Compreendido isso, torna-se interessante o emprego da RFT para interpretar o aprendizado de relações não treinadas que associam negritude a estímulos aversivos através de diferentes dicas contextuais. Desse modo, a Figura 3 apresenta uma possível forma de se aprender relações preconceituosas por derivação. Por exemplo, ao treinar a relação “preto é oposto a branco”, “branco é oposto a preto” e, “branco é igual a belo”, pode-se derivar as relações “preto é oposto a belo” e “preto é igual a feio”. Do mesmo modo, se for treinada a relação que estabelece “feio” como um estímulo aversivo, serão transformadas as funções dos estímulos de maneira que “belo” e “branco” desenvolverão função reforçadora positiva e “preto” desenvolverá função aversiva.

Em vista disso, compreendemos que o que difere as produções de preconceito racial das de racismo internalizado é que as primeiras estão interessadas em estudar os processos envolvidos no aprendizado de relações negativas sobre indivíduos e grupos raciais e as segundas estão interessadas em como os indivíduos dos próprios grupos raciais minorizados aprendem relações negativas sobre si mesmos ou sobre seu próprio grupo e quais as implicações desse aprendizado. Por exemplo, uma pessoa branca de cabelo liso, ao aprender a associação entre “cabelo crespo” e “feio”, estará aprendendo uma forma de preconceito sobre uma propriedade



**Figura 3.** Possível derivação de relações preconceituosas segundo o modelo da Teoria das Molduras Relacionais (RFT).

de estímulo que não está presente em seu próprio corpo. Já uma pessoa negra de cabelo crespo, ao aprender essa mesma relação, estará aprendendo uma atribuição negativa sobre um elemento do seu próprio corpo.

Apesar de entendermos que esse aprendizado não se dá através de processos comportamentais distintos, as implicações dele podem ser diferentes, se forem aprendidas por pessoas dos próprios grupos oprimidos. Essas implicações são o terceiro elemento das conceituações de racismo internalizado: os sentimentos de inferioridade e o sofrimento psíquico. Para a compreensão dessas implicações, entenderemos sentimentos como respostas emocionais e a observação e relato dessas respostas como sendo ambos produtos das contingências sociais (Darwich & Tourinho, 2005).

Nesse sentido, as respostas emocionais podem ser entendidas como resultado de interações respondentes e operantes. Nelas, os respondentes incluem alterações fisiológicas eliciadas por estímulos ambientais e os operantes incluem essas alterações como estímulos discriminativos que evoquem com-

portamentos que tenham como finalidade nomear o que está sendo sentido (Darwich & Tourinho, 2005). Dessa forma, as respostas emocionais são produtos das contingências sociais na medida em que podem eliciar alterações fisiológicas e servir de contexto sobre o qual um ambiente social treina nossa capacidade de falar sobre elas. Essa é uma perspectiva importante para a compreensão do racismo internalizado como produto de um contexto racial opressor.

Para um indivíduo exposto a relações de equivalência “negativas”, no sentido de depreciativas, sobre si mesmo, características do seu próprio corpo, como o cabelo crespo, a pele retinta e o nariz largo, podem se tornar estímulos aversivos capazes de eliciar alterações fisiológicas que nomeamos em nossa cultura como tristeza, frustração ou raiva e podem reforçar automaticamente respostas de fuga/esquiva que eliminem esses estímulos (e.g. alisar o cabelo, afinar o nariz, etc.). Sendo o aversivo condicionado parte do próprio corpo, é possível que o indivíduo entre em contato com ele continuamente e essa exposição continuada pode ocasionar sofrimento psíquico crônico.



Se o indivíduo perceber que essa estimulação aversiva é decorrente de seus traços negroides podem surgir comportamentos caracterizados como “inferiorização”. Por exemplo, falas como “queria ser branco”. Nesse caso, “querer ser branco” pode significar querer se livrar, fugir, da estimulação aversiva condicionada presente em seu próprio corpo. É necessário ressaltar que as características físicas de pessoas negras nada têm de naturalmente aversivas, isto é, valores culturais racistas da sociedade se encarregam de estabelecer traços fenotípicos de brancos como bonitos e traços negróides como feios, cujo processo comportamental de estabelecimento foi descrito anteriormente.

Como pode ser observado na Figura 2, de acordo com os exemplos de situações de racismo descritos na mídia (Bagatini, 2018; Revista Consultor Jurídico, 2018; UOL, 2016), temos duas situações diferentes. No quadrante A da figura, temos o caso de uma pessoa negra com um cabelo crespo, o que em si, seria um estímulo sem qualquer tipo de função pré-estabelecida, no entanto características sociais e históricas (e.g. racismo estrutural) podem estabelecer o tipo de cabelo como aversivo para certos indivíduos, sobretudo em posição de poder. Como se vê na Figura 2A, diante do cabelo do funcionário o chefe emite a resposta verbal “não quero ver ninguém com cabelo desarrumado”, sendo esse contexto uma operação estabelecida reflexiva condicionada (CEO-R) pois estabelece para o chefe a sua remoção como um reforçador negativo. Por sua vez, a fala do chefe também é uma CEO-R para o comportamento de mudar o estilo de cabelo do funcionário, isso faz com o chefe pare de implicar com ele e reforça negativamente o comportamento de esconder o cabelo crespo. Logo abaixo (Figura 2B) temos uma situação similar, porém, nesse caso, um dos atores contracontola o agente aversivo e, ao invés de reforçar negativamente o comportamento do agente, vai à diretora, que pune o comportamento da docente.

A Figura 4 apresenta possíveis desdobramentos comportamentais após a relação entre negritude e estímulos aversivos. Nos quadros iniciais (1, 2 e 3) estão descritas as relações de aprendizado e transformação de estímulos que alteram os traços negroides (e.g. pele retinta, cabelos crespos, boca e nariz largos, etc.) de estímulos neutros para estímu-

los aversivos condicionados (CEO-Rs). Posterior a isso, o quadro 4 descreve os traços negroides agora como eliciadores de respondentes comumente descritos em nossa cultura como tristeza, ansiedade e medo. Nesse ponto, é necessário notar que o quadro 7 informa que, mesmo estímulos que não participaram do treino ou da derivação presente no quadro 3, agora podem ser condicionados à mesma função por derivação ou generalização. Diante da estimulação aversiva, é possível que o indivíduo emita comportamentos de fuga e esquiva para retirá-las do ambiente através de práticas chamadas de embranquecimento ou apagamento racial (Munanga, 1999). Nesse caso, essas práticas podem envolver alisar o cabelo, procedimentos cirúrgicos e até mesmo tentar afinar o nariz com pregador ou embranquecer a pele com água sanitária. Apesar das estratégias de embranquecimento, visto que os estímulos aversivos fazem parte do próprio corpo do indivíduo, é previsível que esses indivíduos não consigam eliminar completamente essas estimulações aversivas. Desse modo, ele continuará exposto à aversividade. Por outro lado, os quadros 5.1 e 5.2 apresentam um outro tipo de fuga e esquiva: o contato com contingências que estabelecem transformações de estímulos opostas às preconceituosas, muitas vezes presentes em comunidades que valorizam a cultura negra e a negritude, como as Comunidades Tradicionais de Terreiro, o movimento negro, entre outros. Através dessa exposição, pode ser possível que o indivíduo aprenda novas relações que eliminem a aversividade de seus traços negroides, reduzindo-o então os aversivos condicionados a ele, como ansiedade, tristeza e medo. Por outro lado, isso também pode significar exposição a mais situações de opressão racial (como as descritas na Figura 2 e 3).

Dessa forma, o sentimento de inferioridade e o sofrimento psíquico presentes no racismo internalizado são efeitos do aprendizado de relações arbitrárias entre estímulos (Mizael & de Rose, 2017; Perez et al, 2013) que estabelecem relações entre traços negroides e estímulos aversivos (CEO-R), ao mesmo tempo que faz o oposto à traços caucasianos, levando os indivíduos dos grupos racialmente oprimidos a associação de suas características físicas como pejorativas e aversivas, resultando em um sofrimento psíquico contínuo para esses indivíduos devido à essa exposição (David et al., 2019; Gale et al., 2020).

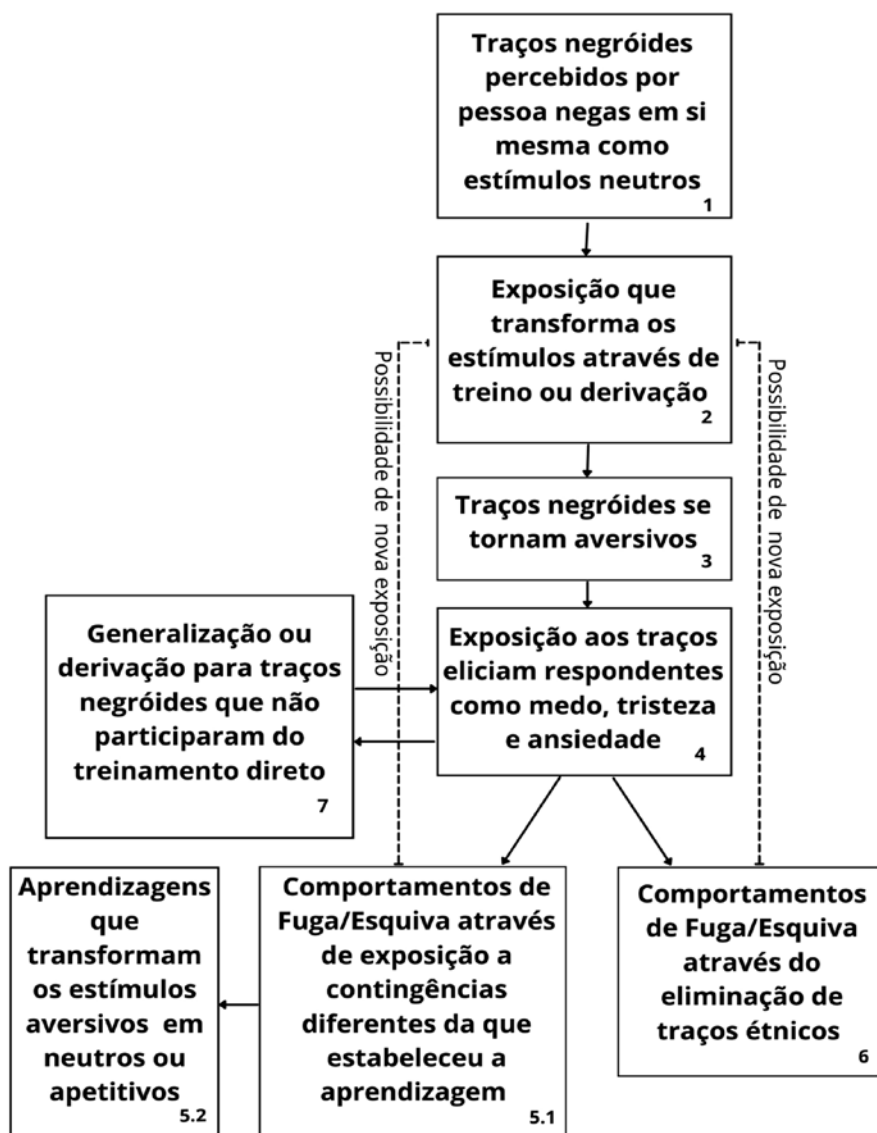


Figura 4. Possíveis desdobramentos comportamentais do Racismo Internalizado.

Dito isso, em acordo com a crítica de Tappan (2006), é necessário ressaltar que, apesar de estarmos falando do aprendizado de relações arbitrárias e de sentimentos e estados internos, quando se fala de racismo internalizado, é crucial compreendê-lo como resultado de uma organização social e não como um problema unicamente individual. Sendo assim, as produções científicas também devem se esforçar em compreender as condições de seleção de práticas racistas no seu nível cultural e não só os resultados e os efeitos delas.

## Conclusão

O presente estudo buscou analisar o fenômeno descrito na literatura como racismo internalizado, descrevendo os possíveis processos comportamentais simbólicos envolvidos em sua gênese. Isso foi feito através da análise de produções da Psicanálise, Psicologia Social Cognitiva e Terapia Cognitivo-Comportamental sobre esse assunto. Desse modo, o racismo internalizado é aqui analisado como o aprendizado por parte de pessoas negras de relações arbitrárias que associam traços negróides a es-

tímulos aversivos, sendo ele o resultado do arranjo de contingências sociais que produzem desigualdades sociais e opressão racial.

Uma limitação do presente trabalho se refere a não analisar as contingências produtoras de racismo internalizado a partir do terceiro nível de seleção, o cultural. Dessa forma, é necessário que trabalhos futuros busquem compreender quais são as variáveis envolvidas na seleção dessa prática cultural. Além disso, este trabalho se concentrou em analisar o treino ou a derivação de relações que associam negritude a estímulos aversivos, não se implicando em analisar as possíveis relações na emergência de racismo internalizado entre outras minorias raciais, como a população indígena.

Por fim, acreditamos que uma conceitualização analítico-comportamental desse fenômeno é o passo inicial para uma melhor compreensão da comunidade de analistas do comportamento sobre esse assunto e para a produção de soluções para ele. Desse modo, espera-se que este trabalho possa contribuir para o avanço da Análise do Comportamento na produção de tecnologias e práticas politicamente engajadas e que tenham como finalidade a promoção de saúde e bem estar para grupos minoritários.

## Referências

- Abib, J. A. D. (1994). O contextualismo do comportamento verbal: A teoria skinneriana do significado e sua crítica ao conceito de referência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(3), 473-487.
- Almeida, S. L. de. (2019). *Racismo Estrutural* (1a. ed.). Pólen.
- Bagatini, O. (2018, 09 de setembro). Professora pede para “dar jeito” em cabelo de aluna e é acusada de racismo. *UOL*. <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/09/09/professorapede-para-dar-jeito-em-cabelo-de-aluna-e-eacusada-de-racismo.html>
- Barros, R. da S. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(1), 73-82. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&tlng=pt)
- Carvalho, A. A. S., Mizael, T. M., & Sampaio, A. A. S. (2021). Racial Prejudice and Police Stop: A systematic review of the empirical literature. *Behavior Analysis in Practice*, 14(2), 1-8. <https://doi.org/10.31234/osf.io/qbpv5>
- Darwich, R. A., & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção pelas consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107- 118. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452005000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100011&lng=pt&tlng=pt)
- David, E. J. R. (2009). Internalized oppression, psychopathology, and cognitive-behavioral therapy among historically oppressed groups. *Journal of Psychological Practice*, 15, 71-103.
- David, E. J. R., Schroeder, T. M., & Fernandez, J. (2019). Internalized racism: A systematic review of the psychological literature on racism's most insidious consequence. *Journal of Social Issues*, 75(4), 1057-1086. <https://doi.org/10.1111/josi.12350>
- Gale, M. M., Pieterse, A. L., Lee, D. L., Huynh, K., Powell, S., & Kirkinis, K. (2020). A meta-analysis of the relationship between internalized racial oppression and health-related outcomes. *The Counseling Psychologist*, 48(4), 498-525. <https://doi.org/10.1177/0011000020904454>
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. (1a. ed.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1958).
- Guerin, B. (1992). Behavior analysis and the social construction of knowledge. *American Psychologist*, 47(11), 1423-1432. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1423>
- Guerin, B. (1994). Attitudes and beliefs as verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 17(1), 155-163. <https://doi.org/10.1007/BF03392661>
- Guerin, B. (2005). Combating everyday racial discrimination without assuming racists or racism: New intervention ideas from a contextual analysis. *Behavioral and Social Issues*, 14, 46-70. <https://doi.org/10.5210/bsi.v14i1.120>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Estudos e Pesquisas. Informações demográficas e socioeconômicas. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)

- Langthorne, P., & McGill, P. (2009). A tutorial on the concept of the motivating operation and its importance to application. *Behavior Analysis in Practice*, 2, 22-31. <https://dx.doi.org/10.1007%2FBF03391745>
- Matsuda, K., Garcia Y., Catagnus, R., & Brandt, J. A. (2020). Can behavior analysis help us understand and reduce racism? A review of the current literature. *Behavior Analysis in Practice*, 13, 336-347. <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00411-4>
- Mizael, T. M., Rose, J. C. de, & Santos, S. L. dos. (2016). Contribuições do paradigma de Equivalência de Estímulos para o estudo de Atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. <https://doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>
- Mizael, T. M., & Rose, J. C. de. (2017). Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamental*, 25(3), 365-377. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/61632>
- Mizael, T. M., & Sampaio, A. A. S. (2019). Racismo Institucional: Aspectos comportamentais e culturais da abordagem policial. *Acta Comportamental*, 27(2), 215-231. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274561104006/html/>
- Munanga, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Org.), *Cadernos Penesb – Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira* (n. 5, pp. 5-23). Eduff.
- Munanga, K. (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (1a. ed.). Vozes.
- Perez, W. F., Nico, Y. F., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): Principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4(1), 33-51. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&tlng=pt)
- Revista Consultor Jurídico. (2018, 08 de setembro). *Empregada “orientada” a alisar o cabelo deve ser indenizada*. <https://www.conjur.com.br/2018-set-08/empregada-orientada-alisar-cabelo-indenizada>
- Saini, V., & Vance, H. (2020). Systematic Racism and Cultural Selection: A preliminary analysis of metacontingencies. *Behavioral and Social Issues*, 29, 52-63. <https://doi.org/10.1007/s42822-020-00040-0>
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Authors Cooperative.
- Tappan, M. B. (2006). Reframing internalized oppression and internalized domination: From the psychological to the sociocultural. *Teacher College Records*, 108, 2115-2144. <https://eric.ed.gov/?id=EJ743643>
- Tourinho, E. Z., & Sério, T. M. de A. P. (2010). Definições Contemporâneas da Análise do Comportamento. In E. Z. Tourinho, & S. V. de Luna (Orgs.), *Análise do Comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 1-14). Roca.
- UOL. (2016, 01 de abril). *Vendedora acusa loja de obrigá-la a alisar os cabelos e ganha indenização*. <https://economia.uol.com.br/empregose-carreiras/noticias/redacao/2016/04/01/vendedora-acusa-loja-de-obriga-la-a-alisar-oscabelos-e-ganha-indenizacao.htm>

### Informações do Artigo

#### Histórico do artigo:

Submetido em: 30/03/2021

Primeira decisão editorial: 23/08/2021

Aceito em: 14/09/2021

Editora associada: Táhcita M. Mizael